

# Poemas de Antonio Medina

## A CRÔNICA

Narrava Edson Leite além do fio do mundo,  
Não os dribles de azul caramelo, nectáreos,  
Mas o arrastado canto chão, o humor do fundo,  
Desse o balão nas nuvens, ou no gol contrário.

Bramava Pedro Luís a nota euclidiana,  
Livre de cor e fel, só nervo na pancada  
Parabólica: um sol de esfera meridiana,  
Entre faltas e patas sob a voz cifrada.

Era um tempo em que a voz, sem senhorio, impunha  
À bola sua razão e ao compassar do ouvido  
A bola se rendia em distinção, rascunho  
De um gol que logo vinha, à unha - no estampido

Não - mas na nota antecipada em sua torção,  
Em que o balanço do barbante, antes da bola,  
Silabando azarão do bode em barcarola,  
O gol enfim imprime em canto, em seu brasão.

Pois tinha o locutor a precisão da fórmula:  
"Carrega audaz Leônidas a esfera avante,  
Sobe o sutil Teleco que assombrou em Córdoba,  
A bola irônica sumiu parabolante".

E a irradiação se equilibrava co'a gramática,  
Pois locutor de antanho não se escravizava  
À tibia gralha que no ibope põe sua tática,  
E a voz decepa da cidadania em fátua,

Em colorida algaravia, em trambicada,  
Onde a fraude do gol se faz hermética,  
Em *flatus vocis* da garganta alienada,  
Que rouba ao grande lance a nitidez poética.

*Apresentação de Francisco Costa - Quando convidei Antonio Medina para escrever sobre os locutores de futebol, ele respondeu na hora: "Não se preocupe, vou fazer um poema". Eu pensei que tinha sido força de expressão e me preparei para receber um texto com começo meio e fim. Felizmente não aconteceu. Com surpresa recebemos "A Crônica" e "Os Boleiros", poemas já obrigatórios da antologia do futebol.*

## ALGUNS BOLEIROS

Pois eu vi Puskas, Di Stefano, Labruna,  
E o goleiro Ramalletz desfazer do cabecinha Baltazar,  
E vi Sastre, Touguinha e Teixeira,inha,  
E Luís Trujillo, bailador flamenco,  
E o espantalho das contrárias redes: Ademir *Queixada*,  
E Telê Santana se matar em campo e garimpar a grana.  
E os dois a um contra o Uruguai, partida ainda em andamento.

Vi Garrincha que um pai-de-santo sob as ordens de Anatol  
Recomendou ao Botafogo,  
Vi Julinho recusar a Renascença em prol da Penha,  
E Gérson, que a nação crucificou por um provérbio,  
E de fraldinha abarrocada *seu* Tostão varrer a grama,  
E o Cruyff, que mostrou Juan de la Cruz a Luis Pereira,  
E de compasso, régua e tédio - Sócrates,  
E o pardalejo Rivelino torvelino,  
E o Zico Maracanã, chorinho e fado na grinalda,  
E, em sono, Ademir da Guia - o dromedário, aço macio,  
E o ícone do Kaiser, *seu* Falcão, alta costura,  
E Obdulio, enfim, em menino eu também vi,  
*Ah que no quisiera verlo, a ese terrible capitán,*  
De quem tomou Bigode o tapa que bateu em Mário Filho.

E, se não me engano, *dady* Górgias, de fato eu vi Pelé,  
O filho de Krishna, o mais fino dos Etíopes,  
Servindo seu banquete a Zeus,  
Pelé, a derrisão do grande Maradona,  
*Que fué un fenómeno, pero puta, borracha y ladrona.*  
E pude ver o Dêner sem paciência, o driblador do Caos,  
Ursinho a caçar os salmões no campo, *khaire* Dêner!

Todos, estejam neste mundo ou com Platão,  
Ainda batem bola nas neblinas. Imensamente.



ANTONIO MEDINA RODRIGUES é professor doutor de Língua e Literatura Grega da FFLCH-USP, autor de *As Utopias Gregas* (Ed. Brasiliense) e organizador de *A Ilíada* (com tradução de Odorico Mendes), editada pela Edusp.